

3 — ATO DA COMISSÃO DIRETORA

Nº 11/89

4 — SECRETARIA GERAL DA MESA

— Resenha das matérias apreciadas de 1º a 30 de maio de 1989.

5 — MESA DIRETORA

6 — LÍDERES E VICE-LÍDERES DE PARTIDOS

7 — COMPOSIÇÃO DE COMISSÕES PERMANENTES

Ata da 73ª Sessão, em 7 de Junho de 1989

3ª Sessão Legislativa Ordinária, da 48ª Legislatura

Presidência dos Srs. Nelson Carneiro e Pompeu de Sousa

ÀS 14 HORAS E 30 MINUTOS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

Mário Maia — Aluízio Bezerra — Nabor Júnior — Leopoldo Peres — Carlos De'Carli — Odacir Soares — Jarbas Passarinho — Carlos Patrocínio — João Castelo — Alexandre Costa — Edison Lobão — Chagas Rodrigues — Afonso Sancho — Mauro Benevides — Lavoisier Maia — Raimundo Lira — Marco Maciel — Ney Maranhão — Mansueto de Lavor — João Lyra — Divaldo Suruagy — Teotônio Vilela Filho — Albano Franco — Francisco Rollemberg — Lourival Baptista — Luiz Viana — Gerson Camata — João Calmon — Jamil Haddad — Nelson Carneiro — Itamar Franco — Ronan Tito — Severo Gomes — Pompeu de Sousa — Maurício Corrêa — Meira Filho — Louremberg Nunes Rocha — Márcio Lacerda — Mendes Canale — Rachid Saidanha Derzi — Wilson Martins — Leite Chaves — Affonso Camargo — José Richa — Jorge Bornhausen — Dirceu Carneiro — Nelson Wedekin — Carlos Chiarelli — José Paulo Bisol.

O SR. PRESIDENTE (Pompeu de Sousa)

— A lista de presença acusa o comparecimento de 49 Srs. Senadores. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus iniciamos nossos trabalhos.

O tempo destinado aos oradores do expediente da presente sessão será dedicado a homenagear o sesquicentenário de nascimento e centenário da morte de Tobias Barreto de Menezes, nos termos do requerimento nº 276, de 1989, de autoria do Senador Francisco Rollemberg e outros Senhores Senadores.

Concedo a palavra ao nobre Senador Albano Franco.

O SR. ALBANO FRANCO (PMDB — SE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, o calendário histórico assinala, hoje, dia 7 de junho, a data natalícia, o sesquicentenário de nascimento do poeta, jornalista, advogado, professor, pensador e crítico, Tobias Barreto de Menezes, nascido na Vila de Campos, Rio sertão do Rio Real, em Sergipe, em 1839. A efeméride, aumentada em sua importância por também acontecer neste ano, no dia 26 de junho, o centenário de morte do gênio sergipano, é tanto de Ser-

gipe como é do Brasil, é tanto de Pernambuco, quanto é de todos os Estados que sentiram o impacto das idéias irradiadas pela escola do Recife, sob inspiração e liderança de Tobias Barreto.

Nascido numa pequena vila sergipana, Tobias Barreto viveu os primeiros anos de sua vida com os pais — Francisco e Emerenciana Barreto de Menezes —, estudando as primeiras letras na terra natal. Depois, estudou várias escolas, em Lagarto, Estância, com os melhores professores da época, dentre eles, Dom Quirino, professor em Estância, que, mais tarde, viria a ser bispo de Goiás. O entusiasmo do menino pelos estudos animava a família. De cedo, uma vocação para o Latim e para a Música. Ainda jovem, já Tobias Barreto conquistava, através de exame público, a condição de professor de Latim em toda a província de Sergipe.

Enquanto formava o seu espírito, na convivência com mestres ilustres e colegas futuros, Tobias Barreto revelou seu pendor literário, dedicando-se a escrever poemas, publicando-os nos jornais sergipanos, ou deixando-os nos álbuns das moças, pelos lugares que freqüentava.

Por volta dos anos 60, o jovem professor de latim e poeta demonstra sua necessidade de deixar a província, para buscar, na Bahia, uma oportunidade de elevar sua cultura. Na Bahia, existia, então, a Faculdade de Medicina, de tantas glórias para a ciência e para a cultura do Brasil. Na Bahia, teve a oportunidade de seguir o sacerdócio, ingressando no seminário, ou cursar a medicina. Tobias Barreto nem quis ser padre, nem médico. Embora permanecesse em Salvador, na capital baiana, de março a dezembro de 1861.

De volta a Sergipe, permanece na Vila de Campos. Estava de licença, por 6 anos, para estudar. E decidiu-se pelo Recife, no seu dizer, a "Cabocla Civilizada" que ele vira do mar, quando chegou com pouco dinheiro e muita vontade de bacharelar-se em Direito. As dificuldades naturais de quem chega, as doenças, impediram o ingresso de Tobias Barreto na Faculdade de Direito de Recife, imediatamente. Faz o curso, de 1864 a 1869, não, sem antes, exercer o magistério particular, freqüentar as redações dos jornais, publicar seus versos que empolgavam a massa recifense, infla-

mada pela mobilização em torno da Guerra do Paraguai.

Em 1867, Tobias Barreto enfrenta o concurso para a cadeira de latim do curso preparatório, e, em 1869, para a Cadeira de Filosofia do Ginásio Pernambucano. No primeiro concurso, o primeiro lugar cabe ao Padre Félix Vasconcelos Barreto, seu parente e conterrâneo. No segundo concurso, em disputa com o professor José Soriano de Souza, passa em primeiro lugar. Sofre a grande injustiça de não ser nomeado, sob a alegação de ser solteiro, e o professor José Soriano, casado.

Em 1869, Tobias Barreto casa com Dona Grata Mafalda dos Santos, filha do Coronel João Félix dos Santos, senhor de engenho no Município de Escada. Advogado, jornalista, com nome feito nas lides literárias, rivalizando com Castro Alves nas récitas do Teatro Santa Isabel, Tobias Barreto faz a opção pela advocacia, fixando-se em Escada, a partir de 1871, então termo da comarca de Vitória de Santo Antão.

Quando é criada a comarca de Escada, em 1874, talvez mesmo por sua influência, Tobias Barreto já conquistara lugar destacado na vida daquela cidade interiorana. Sem perder seus contatos com o Recife, sem deixar de publicar seus artigos e seus poemas, Tobias Barreto instala sua própria tipografia e imprime seus próprios jornais, enquanto se volta para o estudo da língua alemã. O gênio sergipano tomava força, travava contatos com as novas idéias da Europa, e abria um canal novo de comunicação com os alemães, que representavam na Ciência, na Filosofia, na religião e em outros campos do conhecimento, o que havia de mais novo e mais renovador no mundo.

Tobias Barreto era liberal; havia feito, em 1870, sua profissão de fé, abraçando a causa liberal em Pernambuco. Em Escada, presidiu a junta paroquial, e fundou, em 1877, o clube popular escadense, no qual pronunciou o célebre "um discurso em mangas de camisa", em que traça um painel da dura realidade de um país escravocrata, clamando o povo a organizar-se e a buscar a realização dos seus interesses. O discurso, um perfeito diagnóstico das condições de vida e da relação entre o poder do estado e o povo, é, ainda hoje, da maior atualidade, porque, infelizmente, em muitos municípios do Brasil, ainda é possível